

Situação geográfica: de Carl Ritter a Milton Santos, o transcurso de uma noção.

Por André Nunes de Sousa¹

Weltstellung, ou situação geográfica / posição no mundo, corresponde a um termo cunhado por Carl Ritter na sua monumental *Geografia Geral Comparada* (1833-1859) para auxiliar na construção de uma teoria geral das relações, uma espécie de ponte, através da qual fosse possível percorrer, com método consistente, um caminho entre as partes da Terra e a totalidade. Além de inserir a Geografia no campo das ciências modernas, o professor alemão buscava transpor os limites do ensino descritivo e decorativo da disciplina, circunscrito a um desfile de enumerações toponímicas.²

Seguindo os passos dos filósofos pré-românticos Immanuel Kant e Johan Herder, Carl Ritter compreendeu que a reformulação de velhas ideias pressupõe a construção de novas linguagens³, novas representações – postulado e crítica que, mais tarde, também aparecerão nos escritos de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Henri Léfèbrve, por exemplo. Foi Ritter quem introduziu na Geografia problemas especulativos referentes às relações finito-infinito, homem-natureza e universalismo-particularismo⁴; já a noção de situação geográfica (ou posição no mundo) serviria de mediação/articulação entre estes pares presentes nos fundamentos filosóficos da ciência geográfica.

Magnitude da obra reconhecida internacionalmente, as formulações ritterianas não tardaram chegar ao Brasil. Em meados da segunda metade do século XIX, o professor do Liceu Provincial da Bahia, João Estanislau da Silva Lisboa, em seu *Atlas Elementar de Geografia* (1877), descreveu Ritter como “[...] o verdadeiro autor da Geografia filosófica, o primeiro que soube elevá-la à sua devida altura [...]”.⁵ Seguindo o roteiro teórico-metodológico do geógrafo alemão, Silva Lisboa defendeu em seu *Atlas*

¹ Professor do Departamento de Geografia do Instituto Federal da Bahia – IFBA. E-mail: anunesds82@gmail.com

² BECK, Hanno *Carl Ritter, gênio de la Geografia: sobre su vida y su obra*. Berlim: Inter Nationes, Bonn-BAD Godesberg, 1979.

³ Idem. *Ibidem*.

⁴ MORAES, Antônio Carlos Robert. *A gênese da Geografia moderna*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1989.

⁵ LISBOA (1877, p. 08).

os pressupostos da *Geografia Geral Comparada*, como princípios reformadores do ensino da ciência geográfica. Segundo Silva Lisboa, após a obra de Carl Ritter, não seria mais “[...] permitido restringirmo-nos à etimologia da palavra: cumpre-nos além de descrever, comparar e, sobretudo, interpretar [...]”.⁶

A assimilação feita por Carl Ritter da anatomia comparada como método analítico para os estudos sobre a Terra e suas partes, entendidas como indivíduos⁷, foi reproduzida por Silva Lisboa. Cabe destacar que o principal discípulo de Silva Lisboa, Jerônimo Sodré Pereira, além de lecionar e publicar livros de Geografia, era médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia,⁸ o que sugere a existência de um círculo de afinidades⁹ em torno da comunidade das ciências médicas e de suas práticas científicas. As palavras de Silva Lisboa são expressões dessa assimilação teórico-metodológica: “Não basta friamente anatomizar os vastos membros que constituem o nosso globo, [...] cumpre-nos, em uma palavra, se nos é lícita a expressão, estudar a parte fisiológica da ciência, a vida do globo, tal qual acha-se ele constituído”.¹⁰

Afinado com a concepção ritteriana de Geografia, o *Atlas* do professor do Liceu Provincial da Bahia foi objeto de interesse de editoras francesas e espanholas, para tradução e reedição¹¹, tentativas que se inserem no âmbito da corrida de países europeus para acompanhar os avanços germânicos da primeira metade dos oitocentos, conforme argumenta Vincent Berdoulay.¹² A reedição no Velho Mundo não logrou êxito. Mas, deve-se destacar que a ideia de situação geográfica estava ali presente na obra de Silva Lisboa, embora o termo não apareça explicitado.

⁶ LISBOA (1877, p. 08).

⁷ “Toutes les fois que nous voulons étudier l'homme ou la nature, nous allons nécessairement de l'individu à ses rapports avec le tout, des phénomènes fortuits et apparens à la loi generale de l'être. De l'étude l'individu ne ressort pas la connaissance du tout, si le tout n'est pas connu aussi. De même que la partie est fournie par le tout, de même ce n'est qu'au moyen de la loi que le phénomène particulier se détache de l'ensemble, et peut être considéré comme un, comme individu. [...] Les grandes parties de la terre apparaissent alors au regard de l'observateur, comme autant de tous plus ou moins séparés par la nature, et que nous pouvons considérer, en général, comme les grands individus de la terre; nous porterons d'abord nos regards sur l'ancien monde” (RITTER, 2015 [1835], p. 13-15).

⁸ Cabe destacar que a Faculdade de Medicina da Bahia contava com um periódico especializado em ciência desde a primeira metade do século XIX, a *Gazeta Médica da Bahia*, onde as relações entre Saúde e Geografia eram estreitas e reafirmadas em vários artigos, sobretudo no tocante à climatologia e doenças tropicais.

⁹ Sobre a categoria círculo de afinidades, ver BERDOULAY, Vincent. *A escola francesa de Geografia: uma abordagem contextual*. São Paulo: editora Perspectiva, 2017.

¹⁰ LISBOA (1877, p. 08).

¹¹ Idem. *Ibidem*.

¹² BERDOULAY, Vincent. *A escola francesa de Geografia: uma abordagem contextual*. São Paulo: editora Perspectiva, 2017.

As formulações do professor do Liceu Provincial da Bahia levavam em consideração a situação geográfica na construção de seus paralelismos semânticos – para usarmos uma expressão de Hanno Beck¹³ ao discutir a obra de Carl Ritter. Ao conceber os diferentes estágios de desenvolvimento do planeta e suas partes (seus indivíduos), Silva Lisboa, seguindo os passos de Carl Ritter, expunha uma compreensão evolucionista da história da natureza e das sociedades, sem romper, todavia, com o plano divino. Os estágios evolutivos estavam intrinsecamente relacionados à posição desses indivíduos (os continentes, particularmente) frente aos outros elementos da Terra (mares, oceanos, relevo, etc.), rumo a um futuro fatalmente dado: o progresso civilizatório.¹⁴

Décadas mais tarde, assiste-se no Brasil o emprego e a sistematização de novas teorias e métodos, responsáveis por uma reforma nos estudos geográficos em âmbito institucional, destacando-se os trabalhos desenvolvidos e publicados por agremiações científicas e apresentados nos congressos brasileiros de Geografia, promovidos pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e institutos histórico-geográficos regionais. Nas três primeiras décadas do século XX, ensejou-se um novo discurso na Geografia realizada no Brasil, calcado no realismo positivista, afastando a ciência geográfica das premissas especulativas que davam o tom dos estudos geográficos no país até então.

Se Carl Ritter constituiu-se na primeira referência, foi contra essa mesma abordagem teórico-metodológica que a geração dos anos 1900/30 direcionou suas críticas no Brasil. A revisão viria, notadamente, amparada nos escritos de Friedrich Ratzel e dos geógrafos vidalianos. Nesse decurso, a noção de situação geográfica apareceu renovada e explicitada nos escritos pioneiros do professor do Ginásio da Bahia e sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Bernardino José de Souza. São exemplares dessa renovação científica os textos de Bernardino de Souza sobre o ensino de Geografia (1909)¹⁵ e sobre a Geografia das cidades (1913)¹⁶, além da sua proposta de

¹³ BECK, Hanno *Carl Ritter, gênio de la Geografía: sobre su vida y su obra*. Berlim: Inter Nationes, Bonn-BAD Godesberg, 1979.

¹⁴ LISBOA, João Estanislau da Silva. *Atlas Elementar de Geografia*. Bruxelas: Leon Mertens Editor, 1877.

¹⁵ SOUZA, Bernardino José de. A remodelação do Ensino de Geografia é uma necessidade inadiável, tendo como base a criação de uma cadeira de Geografia Física. In: SOUZA, Bernardino José de. *Por Mares e Terras. Bahia: Livraria Catilina, 1913 [1909]*.

¹⁶ SOUZA, Bernardino José de. A Geografia das cidades. In: SOUZA, Bernardino José de. *Por Mares e Terras. Bahia: Livraria Catilina, 1913*

sistematização dos estudos geográficos (1914 [1913])¹⁷ e do emprego do método das monografias regionais descritivas (1916).¹⁸

O artigo *A Geografia das cidades* (1913) e a feitura e divulgação das monografias regionais descritivas no 5º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em Salvador em 1916, inauguraram a Geografia urbana no Brasil e puseram os estudos regionais em sintonia com a moderna Geografia desenvolvida na Europa, com destaque para as atualizações propostas por Ratzel. A noção de situação geográfica despontou no início do século XX para um caminho duradouro na Geografia realizada no país. Analisando a formação e hierarquia das cidades (estudo que denominou de poleografia), com atenção às de grandes dimensões, Bernardino de Souza é categórico quanto à importância da noção de situação geográfica:

O exame minucioso da geografia destas cidades onde a congestão urbana se nos apresenta em seu alto grau de desenvolvimento, denuncia claramente que sua existência se conchava à das planícies descobertas, das margens dos rios ou das costas favoráveis nas suas abas seguras. Estas três condições são efetivamente necessárias à formação de um grandioso centro urbano, a menos que uma jazida mineral, o desenvolvimento fortuito de um grupo industrial ou mesmo a vontade soberana do Estado, criando uma capital, num certo ponto que só tem vantagens de posição e não de sítio, determinem uma concentração urbana de grande vulto. [...] A verdade é que a situação geográfica, o movimento econômico e a sociedade política às vezes explicam a grandeza e magnificência das maiores aglomerações urbanas.¹⁹

Na tradição dos estudos urbanos e regionais, a ideia de situação geográfica como “uma localização apropriada para um habitat ou atividade em função de características físicas e de entorno imediato”²⁰, conforme descrito pela professora Maria Laura da Silveira, se estendeu até, aproximadamente, o final dos anos 1970. Cerca de duas décadas depois, em meados dos anos 1990, Milton Santos retomou a noção de situação geográfica na obra *A natureza do espaço*, amparado agora em novas bases ontológicas e epistemológicas da Geografia.

¹⁷ SOUZA, Bernardino José de. A ciência geográfica. Seu conceito e suas divisões. Seriação lógica dos estudos geográficos. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Ano XXI. Vol. XIX. N o 40. Tipografia Baiana de Cimcimmato Melchades, Bahia, 1914.

¹⁸ SOUZA, Bernardino José de. Relatório. In: BAHIA, Imprensa Oficial do Estado. *Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia*, I Volume, Salvador, 1916.

¹⁹ SOUZA (1913, p. 122).

²⁰ SILVEIRA, Maria Laura da. Uma situação geográfica: do método à metodologia. In: *Revista Território*, ano IV, N° 6, jan/jun, 1999.

O esforço de Milton Santos, na extensão de sua obra, foi o de construir um sistema teórico-conceitual capaz de acompanhar o movimento da sociedade presente em sua dimensão espacial, engendrando uma teoria devotada à compreensão dos modos de acesso dos homens e de suas instituições ao espaço geográfico, seus elementos e suas possibilidades – um empenho intelectual que, decerto, conotou e exigiu uma apreensão sensível à diversidade de situações geográficas construídas historicamente e sob as dinâmicas das diferentes temporalidades, sempre com vistas à totalidade.

A noção de situação geográfica, renovada na/pela teoria de Milton Santos, advém da compreensão das sincronias e das diacronias das quais são tributárias as coexistências socioespaciais. Trata-se, a partir de uma mirada miltoniana, do entendimento de que “[...] cada lugar é uma combinação quantitativa e qualitativa específica de vetores [...]”²¹ e que, portanto, “[...] a vida social, nas suas diferenças e hierarquias, dá-se segundo tempos diversos que se casam e anastomosam, entrelaçados no chamado viver comum.”²²

A vida social e suas realizações, afirma Milton Santos, se dão no espaço geográfico segundo temporalidades diversas. Essas temporalidades são mediadas, fixadas e (ou) relativizadas por vetores (concretos ou abstratos) que incidem e se instalam nos territórios, articulados dialeticamente aos eventos, conformando uma diversidade de situações geográficas.²³

A professora Maria Laura da Silveira²⁴ concebe a noção renovada de situação geográfica, proposta por Milton Santos, sobretudo, como um profícuo recurso metodológico para a compreensão das dinâmicas atuais produtoras do espaço geográfico:

Nó de verticalidades e horizontalidades, a situação não é apenas um pedaço do território, uma área contínua, mas também um conjunto de relações. É uma combinação que envolve, de um lado, fragmentos e solidariedades vizinhos porque constituída de pedaços contíguos de sistemas de objetos e das ações emanadas de um trabalho comum e, de outro, vinculações materiais e organizacionais longínquas e mais ou menos alheias ao lugar, como as redes e as formas de consumo e produção globalizadas. Construção histórica e concreta, uma situação é, sobretudo, um instrumento metodológico, fértil para abrigar, num esquema lógico e coerente, os conteúdos do espaço geográfico a cada momento, atualizando assim os conceitos.

²¹ SANTOS (2006, p. 151).

²² SANTOS, (2006, p. 159).

²³ SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo. Edusp, 2006.

²⁴ SILVEIRA (1999, p. 27).

Da velha concepção que buscava definir a posição de extensões territoriais no mundo, tomadas como indivíduos com um futuro fatalmente dado, à abordagem renovada que compreende a situação geográfica como potencial metodológico operacional para a análise de um espaço exponencialmente mais complexo do que aquele do final do século XIX, a noção de situação na Geografia parece ter conseguido responder às exigências de um sistema interpretativo em transformação, como a ciência geográfica. Se uma noção não se descola da realidade no seu exercício de representar o espaço-tempo da vida social é porque conseguiu manter coerência explicativa em relação à realidade. A noção de situação geográfica, se bem trabalhada dentro de um sistema teórico-metodológico consistente, pode continuar a dar aos geógrafos bons resultados de pesquisa. Nisso apostamos.

Vida longa à *Situação Geográfica!*

OBRAS CONSULTADAS:

BECK, Hanno. *Carl Ritter, gênio de la Geografía: sobre su vida e su obra*. Berlim: Inter Nationes, Bonn-BAD Godesberg, 1979.

BERDOULAY, Vincent. *A escola francesa de Geografia: uma abordagem contextual*. São Paulo: editora Perspectiva, 2017.

LISBOA, João Estanislau da Silva. *Atlas elementar de Geografia*. Bruxelas: Leon Mertens Editor, 1877.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *A gênese da Geografia moderna*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1989.

RITTER, Carl. *Geographie Generale Comparee, ou Etude de la Terre dans ses rapports avec la Nature et avec l'Histoire de l'homme, pour servir de base a l'etude et l'enseignement des sciences phisic et historiques*. London: FB&c Ltd, 2015 [1835].

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo. Edusp, 2006.

SILVEIRA, Maria Laura da. Uma situação geográfica: do método à metodologia. In: *Revista Território*, ano IV, N° 6, jan/jun, 1999.

SOUZA, Bernardino José de. A remodelação do Ensino de Geografia é uma necessidade inadiável, tendo como base a criação de uma cadeira de Geografia Física.

In: SOUZA, Bernardino José de. *Por Mares e Terras. Bahia*: Livraria Catilina, 1913 [1909].

SOUZA, Bernardino José de. A Geografia das cidades. In: SOUZA, Bernardino José de. *Por Mares e Terras. Bahia*: Livraria Catilina, 1913.

SOUZA, Bernardino José de. A ciência geográfica. Seu conceito e suas divisões. Seriação lógica dos estudos geográficos. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Ano XXI. Vol. XIX. N o 40. Tipografia Baiana de Cimcimmato Melchiades, Bahia, 1914.

SOUZA, Bernardino José de. Relatório. In: BAHIA, Imprensa Oficial do Estado. *Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia*, I Volume, Salvador, 1916.